

Nauria Inês Fontana<sup>2</sup>

“DE MAL A MENOS MAL” – DISSE FHC!<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é apresentar, a partir de textos sobre um mesmo fato jornalístico — a fala do presidente Fernando Henrique Cardoso no 12º Fórum Nacional, no Rio de Janeiro, em 15 de maio de 2000, em que inclui os dizeres: “de mal a menos mal, pelo menos” —, diferentes notícias veiculadas pela imprensa escrita (jornais). Após a análise das diversas notícias, pudemos concluir que, dependendo do objetivo do jornal, a perspectiva apresentada será diferente, tentando convencer o leitor de que os fatos ocorridos foram, evidentemente, da maneira retratada por cada um dos jornais.

**PALAVRAS-CHAVE:** imprensa; interpretação de texto; fato jornalístico.

**SUMMARY:** The objective of this work is to present, from texts on one same journalistic fact – different news conveyed by the written press (newspapers). The journalistic fact in question is the speech of president Fernando Henrique Cardoso in the 12nd Fórum Nacional, in Rio de Janeiro, on May 15 th, 2000, which includes these words: “from bad to less bad, at least”. After the analyses of a variety of news, we could conclude that, depending on the objective of the newspaper, it presents different perspectives on the facts. Evidently, each newspaper also tries to convince the reader that the facts had occurred exactly as portrayed by it.

**KEYWORDS:** press; text interpretation; journalistic fact.

Data de recebimento: 03/05/04. Data de aceite para publicação: 14/09/04.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na disciplina de Semântica junto ao Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>2</sup> Mestre em Linguística. Professora da Universidade do Contestado — Campus de Concórdia-SC.  
Endereço eletrônico: fontana@uncnet.br.

## 1. INTRODUÇÃO

Os leitores de um jornal carrega diferenças sociais, econômicas, políticas e geográficas. A linguagem utilizada pelo jornalista pode alterar a compreensão dos leitores, especialmente porque um acontecimento qualquer tem importância diferenciada segundo o tipo de leitor de jornal. O jornal ou texto jornalístico é, possivelmente, *o texto mais lido, mais consumido, o que tem maior alcance nos diversos setores da sociedade* (Tavares, 1997, p. 123) devido a vários motivos, entre eles, o baixo custo e a facilidade de manuseio (não é necessário nenhum equipamento para lê-lo).

É um produto de consumo imediato. Um fato que é destaque hoje pode ter sua importância amenizada em poucos dias. Às vezes, um fato estará ultrapassado no dia seguinte, já que o periódico tem como incumbência a produção de novidades.

Além disso, o jornal é produzido em grande quantidade, geralmente para um público-alvo abrangente.

*“São os Meios de Comunicação que transformam os fatos e acontecimentos em notícia”* (Silva, 1998, p.15), para isso apresentam um significado acessível ao leitor. “[...] *Assim sendo, o relato que se lê em forma de notícia não é necessariamente o mesmo que o fato real*” (ibid).

O objetivo deste trabalho é apresentar, a partir de textos jornalísticos sobre um mesmo fato, diferentes notícias, visto que [...] *a linguagem não apenas informa, às vezes deforma intencionalmente o fato*” (Surdi, 1997, p. 90), demonstrando que a linguagem usada pode alterar a compreensão pelo leitor.

Para isto faremos uma comparação entre vários jornais, verificando o tratamento dado a um mesmo fato jornalístico, como foi reproduzida uma mesma fala do, então, presidente da República do Brasil, Fernando Henrique Cardoso.

## 2. FATOS JORNALÍSTICOS

Para efeito deste trabalho consideramos *fato jornalístico* o fato real e *notícia* a representação da realidade, a informação dos fatos, o relato.

O jornalista trabalha com fatos da vida diária, mas sem fazer um retrato fiel. Algumas vezes é pouco o espaço físico para ser destinado ao fato ou porque relata o fato apenas de um ângulo, deixando de colocar outros. Schwartz *apud* Seara (1997, p. 56) afirma que “sempre podemos acrescentar uma informação a mais de uma sentença qualquer”. Muitas vezes, um fato importante não merece destaque. Está apresentado dentro de outra matéria.

Assim, “se dois eventos importantes são cobertos num artigo de jornal, em única manchete só pode, usualmente, exprimir um deles, que é ou o evento mais recente ou o mais importante. Porém, neste caso, freqüentemente encontramos uma manchete menor, acima ou abaixo da manchete principal (...) [que] costumam expressar importantes causas ou conseqüências” (Dijk, 1999, p.134).

Portanto, a ordem semântica é determinada pela coerência funcional baseada na relevância: a informação importante vem em primeiro lugar, pois o leitor capta a informação mais relevante antes de ir ou não aos detalhes.

## 2.1 O FATO JORNALÍSTICO

Neste trabalho usaremos o seguinte fato jornalístico: Na palestra de abertura do 12º Fórum Nacional, na sede do BNDES, no Rio de Janeiro, o presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC), respondendo a algumas críticas, disse a frase “o país vai de mal a menos mal”, que gerou diversas notícias, nos variados meios de comunicação. Para fazermos a análise pretendida, escolhemos alguns jornais de circulação estadual (Diário Catarinense e A Notícia) e nacional (Jornal do Brasil, Folha de São Paulo, e Zero Hora). Algumas matérias foram recolhidas diretamente do jornal e outras via jornal *on-line*, na internet.

## 2.2 O FATO JORNALÍSTICO TRANSFORMADO EM NOTÍCIA

### (Diário Catarinense - 16/05)

- Manchete principal: FMI quer desenvolvimento social.
- Manchete secundária: Diretor da instituição encontra-se com FHC e diz que país está no rumo certo.

Dentro do texto principal, sobre um encontro de FHC com o novo diretor geral do Fundo Monetário Internacional (FMI), aparece o seguinte texto:

Pouco depois do encontro com Köehler, em discurso de uma hora e meia, ilustrado com 22 gráficos e tabelas, o presidente FHC rejeitou ontem as críticas dos falsos profetas e traçou um quadro positivo do Brasil. “Alguns dizem que o país está de mal a pior, mas não é verdade, pode não estar de mal a melhor, mas está de mal a menos mal, pelo menos”, disse. O presidente reconheceu que a economia brasileira ainda está vulnerável a fatores externos.

Depois deste trecho, a matéria trata sobre o Ministro da Fazenda, Pedro Malan.

#### **(Diário Catarinense - 17/05)**

- Manchete principal: De mal a menos mal

No dia seguinte, partindo da fala de FHC, além de refutar críticas por parte de quem voltou a chamar de “falsos profetas”, ressaltou FHC que “o país pode não estar de mal a melhor, mas está de mal a menos mal”, o jornalista escreve o editorial concordando com o discurso do presidente.

#### **(A Notícia - 16/05)**

- Manchete principal: Diretor do FMI elogia o Brasil.

- Manchete secundária: Horst Kohler reúne-se com FHC e equipe econômica.

Após descrever o encontro de FHC com Horst Kohler, a notícia traz o seguinte texto:

O próprio presidente FHC havia feito um discurso otimista no BNDES, atacando os “falsos profetas”. O presidente reconheceu que a economia ainda está vulnerável a fatores externos, mas comemorou o fato das reservas não serem compostas por *hot money*, mas por investimentos diretos ou empréstimos de longo prazo.

Nem cita a fala de FHC, passando a tratar do Ministro Pedro Malan.

#### **(Zero Hora - 16/05)**

- Manchete principal: FMI admite que globalização favorece ricos

- Manchete secundária: Novo diretor-geral diz que o objetivo da economia estável é o avanço social, e FH ataca “os falsos profetas”

Dentro do texto, na página de notícias internacionais, que trata sobre o diretor geral do FMI, aparece o seguinte texto:

Ontem mesmo, ao falar na abertura do 12º Fórum Nacional, no BNDES, o presidente FH rejeitou as críticas de “falsos profetas”. Com a ajuda de gráficos e tabelas, traçou um quadro positivo do Brasil:

- “Alguns dizem que o país está de mal a pior, mas não é verdade, pode não estar de mal a melhor, mas está de mal a menos mal, pelo menos” – afirmou.

### **(Jornal do Brasil - 16/05)**

- Manchete principal: Ataque à pobreza

Apresenta o texto sobre o Diretor Geral do FMI e, em seguida, aborda o discurso de FHC que teria recorrido a 18 gráficos com dados do IBGE e IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) para demonstrar que a velocidade nas transformações sociais do país é mais rápida do que se supõe: “FHC permitiu-se fazer pequena ironia com quem afirma que o Brasil está indo de mal a pior: ‘Os números não dizem isso. Pode não estar indo de mal a melhor, mas, pelo menos, está de mal a menos mal’”.

### **(Jornal do Brasil - 16/05)**

- Manchete principal: FH culpa passado por males do país.

- Manchete secundária: Diante de empresários, presidente lamenta não poder dar passos maiores porque Brasil vive problemas do século XIX.

A matéria trata somente da palestra proferida pelo presidente. Há um subtítulo dentro da matéria que trata de:

Menos mal – Apesar das ressalvas, o tom do discurso foi otimista. O presidente exaltou os ganhos obtidos na década de 1990, afirmando que o Brasil já construiu as bases para o seu crescimento sustentado e disse estar confiante numa expansão de 4% para o PIB neste ano. “Dizem que o Brasil está indo de mal a pior. Os dados não dizem isso. Você pode não dizer que está indo de mal a melhor. Está indo de mal a menos mal, pelo menos”.

### **(Jornal do Brasil - 19/05)**

- Manchete principal: FH: “Distribuição de renda dá arrepio”.

- Manchete secundária: Presidente reconhece em discurso “mazelas” do país como a desigualdade social e a exclusão.

O texto trata sobre outro discurso feito pelo presidente, em 18/05, mas, em certo trecho, repete as palavras ditas anteriormente pelo presidente, que aqui se está contradizendo:

Ele (FHC) comparou os dados do Brasil com os da Inglaterra, onde, segundo disse, a distribuição de renda se manteve estável, ao contrário do ocorrido nos EUA, país em que teria aumentado a concentração de renda. Na opinião do presidente, uma saída para o problema é elevar os salários menores. No início da semana, em fórum no BNDES, no Rio, FH afirmou que o Brasil “está indo de mal a menos mal, pelo menos”.

### **(Jornal do Brasil - 21/05)**

- Manchete principal: O país que não vai pra frente.

- Manchete secundária: Avaliação do Brasil feita por FH parece longe da realidade.

Alguns dias após o discurso, as palavras do presidente continuam na imprensa:

O presidente FHC está só com parte da razão quando diz que, no Brasil “estamos indo de mal a menos mal, pelo menos”, como afirmou na abertura do 12º Fórum Nacional, na sede do BNDES, no Rio, segunda-feira passada. Apesar de progressos como a queda da inflação, mais crianças na escola e redução da taxa de mortalidade infantil, o “menos mal” é, na realidade, ruim, como mostram os diversos indicadores sociais.

### **(Folha de São Paulo - 17/05)**

- Manchete principal: Menos mal, mas muito mal.

Clóvis Rossi assina esta coluna, fazendo uma crítica severa à fala do presidente: “Diz o presidente FHC que o Brasil passou de ‘mal’ a ‘menos mal’. Já não seria uma grande coisa, convenhamos, para um país que precisa urgentemente dar saltos qualitativos.”

Continua comparando os dados utilizados pelo presidente aos da OCDE (Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico), principalmente os dados de educação — “a jóia da coroa no governo FHC” — chegando a conclusão de que: “o Brasil pode estar ‘menos mal’ do que estava, mas continua ‘muito mal’ na comparação com outros países-chave.”

### **(Folha de São Paulo - 16/05)**

- Manchete principal: Economia brasileira vai de “mal a menos mal”, diz FHC.

Manchete secundária: Presidente reconhece vulnerabilidade, mas vê progresso na situação.

“O presidente reconheceu ontem que o Brasil ainda está vulnerável a ataques externos, mas afirmou que a situação econômica

e social do país tem progredido e que é preciso ‘fé’. [Dizem que] o Brasil está indo de mal a pior. Os dados não dizem isso. Está indo de mal a menos mal, pelo menos’, ironizou, arrancando alguns risos da platéia, formada por políticos, economistas e empresários”.

Nesta matéria, a Folha de São Paulo é o único jornal que mostra que um dos gráficos que acompanhava o texto não foi apresentado. Era o único que exibia números não favoráveis ao governo.

### **(Folha de São Paulo - 16/05)**

- Manchete principal: Dizer que o país piora é desinformação ou desonestidade.

Na mesma edição da Folha de São Paulo, o jornalista Gilberto Dimenstein faz uma espécie de defesa do governo ao escrever o seguinte texto: “Ao rebater a difundida crença de que o Brasil ‘vai de mal a pior’, o presidente FHC disse, num jogo de palavras, que não estamos melhor. Caminharíamos, segundo ele, na rota do ‘mal a menos mal’.”

### **3. DISCUSSÃO E CONCLUSÃO**

O objetivo do jornalismo é transmitir informações de forma clara, precisa, concisa e exata ao leitor. Para Ducrot *apud* Silva (1997, p. 74), “a frase diz ao ouvinte/leitor o que ele deve interpretar dos enunciados, uma vez que oferece indícios relacionados com o contexto geral do próprio enunciado”.

O leitor do jornal acredita, segundo Silva (1998, p. 162), que “a realidade verdadeira é aquilo que está relatado na imprensa. Mas a notícia, ou o lide da notícia é apenas a sombra do fato acontecimento”.

Aqui poderíamos fazer uma analogia através da alegoria da caverna (República, livro VII, *apud* Silva, 1998, p.162), em que Platão apresenta a distinção entre mundo sensível e mundo inteligível, como dois níveis de realidade, em que o primeiro está cheio de sombras e o segundo se constitui de realidades verdadeiras. A notícia jornalística seria isto – está à sombra da realidade. Os fatos são apresentados como melhor convém ao jornal e ao jornalista. No trabalho aqui desenvolvido podemos observar as manchetes principais que tratam do mesmo fato, isto é, os vários sentidos da mesma referência:

- FMI quer desenvolvimento social (Diário Catarinense - Economia)
- De mal a menos mal (Diário Catarinense – Editorial)
- Diretor do FMI elogia o Brasil (A Notícia)
- FMI admite que globalização favorece ricos (Zero Hora)
- Ataque à pobreza (Jornal do Brasil – Editorial)
- FH culpa passado por males do país (Jornal do Brasil – Política)
- FH: “Distribuição de renda dá arrepio” (Jornal do Brasil – Política)
- O país que não vai pra frente (Jornal do Brasil – Política)
- Menos mal, mas muito mal (Folha de São Paulo – Opinião)
- Economia brasileira vai de “mal a menos mal”, diz FHC (Folha de São Paulo – Política)
- Dizer que o país piora é desinformação ou desonestidade (Folha de São Paulo – Coluna Gilberto Dimenstein)

São diversos títulos destacados como principais, a partir dos quais o leitor vai ou não partir para os detalhes. Se alguém quer ler mais sobre a palestra do presidente no Fórum Nacional provavelmente não iria procurar em textos que tivessem como manchete algo relacionado ao FMI. Procuraria algo relacionado ao tema.

Observe-se que a maioria dos textos não destacou a fala do presidente e, quando o fizeram, foi com concordância às palavras ditas. Somente o jornal Folha de São Paulo é que traz na capa a manchete e diz que “o presidente arrancou risos da platéia ao dizer ‘de mal a menos mal’, pelo menos, ironizando”.

E os outros meios de comunicação, por que não o fizeram? Quais os interesses que subjagam deste “ocultamento” de informações? Será que a fala do presidente não foi considerada importante? O momento era de concordância porque estava aí o diretor geral do FMI?

Segundo Vieira Jr, a Folha de São Paulo apresenta “um jornalismo neutro, isento, pluralista e sem abandonar a independência” (1998, p. 25). Que leitura faz um leitor do jornal A Notícia, que nem cita a fala do presidente? Acredita que aquilo é a verdade. A grande maioria dos leitores acredita que o que lêem é verdade. Inclusive o leitor deste texto, está acreditando que, se está escrito, é verdade. O texto escrito possui uma consideração muito grande pelas pessoas, por isso todos fazemos contratos por escrito, exigimos notas fiscais (escritas), garantias (escritas), enfim, nossa vida gira em torno da escrita. Quando se trata de leitura prévia, especialmente, questiona-se: Qual o tipo de



leitor que se espera a partir do texto apresentado? E isso é um questionamento que perdurará...

Segundo Silva (1998, p.161), “o poder da mídia exerce um fascínio e um deslumbramento no leitor – ouvinte – telespectador que não se explica, apenas, pelas técnicas de manipulação exercida pela ideologia dominante.” O leitor acredita que o que lê realmente aconteceu do modo que foi retratado no jornal. São poucos os que duvidam daquilo que está escrito. O evento foi descrito por sentidos diferentes, que estão associados com outros sentidos, de forma que a rede de inferências usadas será diferente.

Temos no mínimo duas redes de inferências. Os jornais que utilizaram manchetes como as descritas a seguir (ligando Brasil com FMI, ricos, passado) querem que seu leitor encare a fala do presidente como sendo positiva, ou seja, se o diretor do FMI ouviu e elogiou o Brasil, é sinal de que está tudo bem. A linguagem utilizada é provida de qualidades boas, através delas nos conformamos, pois até o país ‘VAI DE MAL A MENOS MAL’, então se eu também estou indo, tudo bem, é o país que está assim, não tem jeito, não adianta lutar contra a maré.

- FMI quer desenvolvimento social (Diário Catarinense - Economia)
- Diretor do FMI elogia o Brasil (A Notícia)
- FMI admite que globalização favorece ricos (Zero Hora)
- Ataque à pobreza (Jornal do Brasil – Editorial)
- FH culpa passado por males do país (Jornal do Brasil – Política)
- FH: “Distribuição de renda dá arrepio” (Jornal do Brasil – Política)
- Dizer que o país piora é desinformação ou desonestidade (Folha de São Paulo – Coluna Gilberto Dimenstein).

No entanto, para os jornais que utilizaram manchetes como as descritas a seguir, as redes de inferência serão diferentes, pois as manchetes são negativas. O leitor irá questionar sobre o que foi afirmado. Partindo deste tipo de manchete, com certeza não concordará com a fala do presidente como sendo algo que está tudo bem.

- De mal a menos mal (Diário Catarinense – Editorial)
- O país que não vai pra frente (Jornal do Brasil – Política)
- Menos mal, mas muito mal (Folha de São Paulo – Opinião)
- Economia brasileira vai de “mal a menos mal”, diz FHC (Folha de São Paulo – Política).

Neste segundo tipo de manchetes as características da

linguagem são de questionamento, como na opinião da Folha, que repete as palavras do presidente, acrescentando um “mas muito mal”, que faz o leitor inferir que o que foi dito não deve ser a verdade. Na manchete usada pelo Jornal do Brasil - “o país que não vai pra frente” - traz como manchete secundária - “avaliação do Brasil feita por FHC parece longe da realidade” - faz o leitor pensar sobre o que foi dito.

A manchete mais próxima da realidade é a da Folha de São Paulo, que na capa traz, como matéria principal, a fala do presidente, tendo maior destaque: “País vai de ‘mal a menos mal’, diz FHC” e como manchete secundária “Presidente admite que o Brasil ainda está vulnerável a ataques externos, mas avalia que há progressos sociais”. Na matéria, também é o único jornal que destaca o gráfico que o presidente deixou de apresentar, ou seja, o gráfico de distribuição de renda por faixas, no qual destaca 50% da população como mais pobre e somente 1% como mais ricos. Isto, com certeza, comprometeria toda a estratégia do governo em agradar o diretor geral do FMI, presente na reunião.

É importante lembrarmos Frege (1978, p. 71), que afirma que “descobrimos que o valor de verdade de uma sentença permanece inalterado quando uma expressão é nela substituída por outra que tenha a mesma referência”. Em nosso caso, a referência - “a fala do presidente” - altera o sentido real da referência quando substituído por outros sentidos.

Sabemos que existem milhares de jornais sendo feitos diariamente pelo país (sendo 371 diários). Muitas vezes, a maioria dos jornais deixa a desejar na qualidade, da impressão ao texto; das matérias publicadas à circulação. Acredita-se não ser o caso de nenhum destes jornais citados neste texto. Questiona-se, então, o motivo de interpretações diferentes para uma mesma fala visto que a informação importante deveria vir em primeiro lugar, conforme as “regras” do jornalismo, assim o leitor capta a informação mais relevante antes de ir ou não aos detalhes. Essa leitura prévia já dará “pré-conceitos” ao leitor, que o texto confirmará ou não.

Todavia esta análise pode ser considerada além dos propósitos deste trabalho, ficando como sugestão para pesquisa, já que necessitamos de dados amplos e variados para confirmação das hipóteses citadas. O que se pretendeu foi mostrar somente um tipo de análise que pode ser efetuada com textos jornalísticos.

#### 4. REFERÊNCIAS

- DIJK, T. A. van. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 1999.
- FREGE, G. *Lógica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- OLIVEIRA, A. “As dimensões pragmático-discursivas do texto jornalístico”. *Working Papers em Lingüística*. Florianópolis, UFSC, n.2, p.45-60, jul/dez. 1998.
- SEARA, I.C. “Ambigüidade? Um olhar sobre textos jornalísticos”. *Working Papers em Lingüística*. Florianópolis, UFSC, n.1, p.55-71, jul/dez. 1997.
- SILVA, M.O. *O mundo dos fatos e a estrutura da linguagem: a notícia na perspectiva de Wittgenstein*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- SILVA, T. S. “A subjetividade aparente dos operadores argumentativos na construção do texto jornalístico”. *Working Papers em Lingüística*. Florianópolis, UFSC, n.1, p.72- 88, jul/dez. 1997.
- SURDI, M.S. “Entre risos e sisos: a tarefa de informar”. *Working Papers em Lingüística*. Florianópolis, UFSC, n.1, p.89-108, jul/dez. 1997.
- TAVARES, M.A. “O verbo no texto jornalístico: notícia e reportagem”. *Working Papers em Lingüística*. Florianópolis, UFSC, n.1, p.123-142, jul/dez. 1997.
- VIEIRA JR., A. “Folha de São Paulo”. In: LOPES, D. F. et al. *Edição em jornalismo impresso*. São Paulo: Edicon, 1998.

